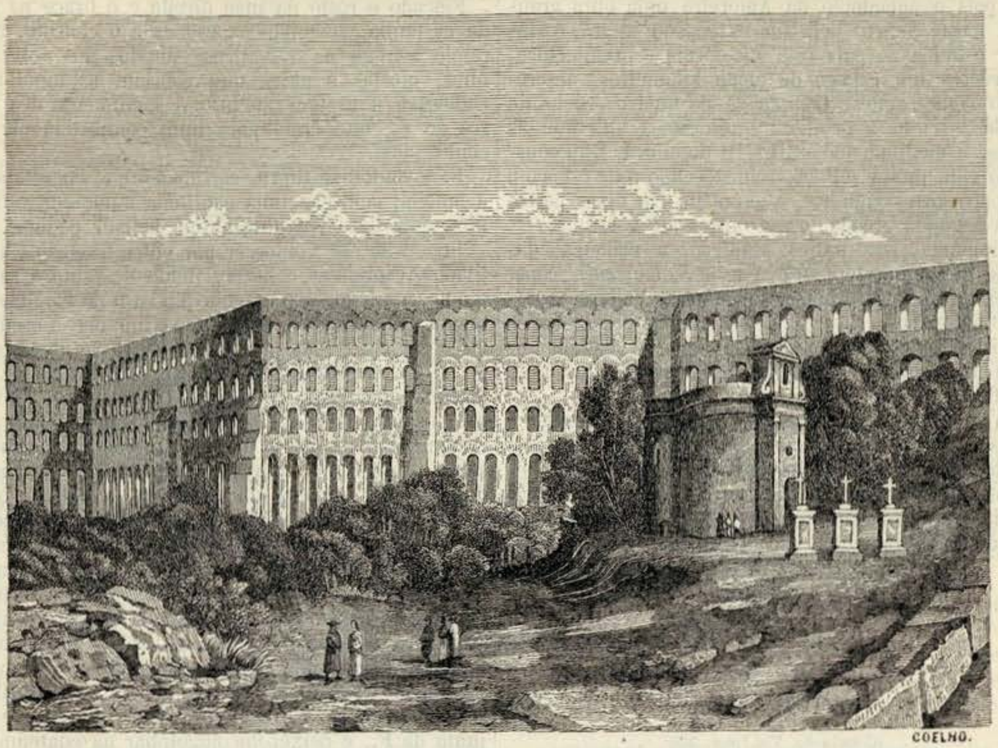


Aqueducto da Amoreira

Até aos fins do seculo XV, Elvas, então villa, não tinha dentro dos seus muros mais agua potavel do que a do *poço de Alcalá*, alimentado, todavia, por uma grande nascente.

Nas cortes que el-rei D. Manuel celebrou em Lisboa, em fevereiro de 1498, que foram convocadas para n'ellas se tratar o negocio da sua ida a Castella com a rainha D. Isabel, sua primeira mulher, a fim de alli serem jurados herdeiros d'aquella coroa, requereram os procuradores de Elvas um subsidio para reparos n'aquelle poço, allegando que precisava de muitas obras, e que não havia na villa outra agua capaz de beber-se.

Foi deferida a pretenção, devendo sair o subsidio do tributo de um real em cada arratel de carne e peixe, e em cada quartilho de vinho que se consumisse na dita povoação. Pela natureza da sua applicação foi denominado desde logo *imposto do real d'agua*.

Feito o concerto do poço, visto que estava creada uma receita, cujo encargo fôra bem recebido do publico, lembrou-se o senado da camara de promover a conducção de novas aguas para a villa; e o povo, que por mais de uma vez se assustára vendo diminuir consideravelmente o manancial do poço de Alcalá em alguns estios mais prolongados, approvou a idéa, e sujeitou-se de bom grado ao sacrificio.

Julgâmos ser esta a versão mais exacta do modo por que correu este negocio. Entretanto a tradição local attribue a creação do imposto á camara, e expressamente para a acquisição e conducção de novas aguas. Sendo porém certo aquelle pedido dos procuradores de Elvas nas cortes de 1498, e começando d'ahi a curto prazo, talvez dois annos, a construcção do aqueducto, é mais provavel que o imposto fosse logo creado pelas cortes para as obras do poço. O que talvez succedesse seria offerecerem-se os habitantes por meio dos seus procuradores para tirar o subsidio que solicitavam do referido imposto. Foi este o primeiro tributo do real d'agua que se pagou no reino, e que serviu de exemplo para os mais que ao diante se lançaram.

A agua que se pretendia trazer á villa era a de um manancial que corria a uma legoa de Elvas, para o lado de oeste, no sitio chamado *Amoreira*. Porém ao mesmo passo que a distancia, e mais ainda o accidentado do terreno, faziam a obra difficil e muito dispendiosa, os meios destinados para ella eram tão exiguos, que mereceria desculpa a camara se, esmorecendo-lhe o animo, abandonasse o seu patriotico pensamento. Felizmente n'aquellas eras havia menos egoismo e mais amor de patria do que hoje ha.

A camara de Elvas, sem se importar com o tempo que sería necessario para concluir tão grandiosa empreza, e sem lhe pesar a idéa de que aquelles que concorressem para ella com mais sacrificios não chegariam a gozar das vantagens, deu principio ao aqueducto, no sitio da Amoreira, não sabemos com certeza o anno, mas foi no começo do seculo XVI.

Ao cabo de vinte annos, ou perto d'elles, achando-se o aqueducto ainda distante da villa, mandou a camara construir um chafariz provisorio no logar das obras mais proximo de Elvas, para o qual foram logo encanadas as aguas. Succedeu isto pelos annos de 1520, e posto que os trabalhos continuassem, embora lentamente e com pequenas interrupções, só d'alli a um seculo é que se acabou o aqueducto, e foi mister auxiliar o cofre das obras com o producto da venda de alguns baldios do municipio.

Correu a agua do manancial da Amoreira pela primeira vez dentro de Elvas, já então cidade, no *chafariz da Misericordia*, no dia 23 de junho de 1622.

E os habitantes solemnisaram este acontecimento como uma grande festa nacional. Correram-se toiros; fizeram-se cavalhadas, danças e outras festas populares.

É pois o aqueducto da Amoreira uma obra grandiosa n'este genero pela sua extensão e altura, e singular e unica no paiz pela sua fórma e architectura.

Percorre um espaço de cinco kilometros, descrevendo zigue-zagues. Compõe-se de quatro ordens de arcadas, sendo a primeira muito mais alta que as outras, e medindo todas $31^{m},10$ de altura. Está construido com muita solidez, rebustecendo-o de espaço a a espaço fortes gigantes, que sobem em umas partes até á segunda arcada, e em outras até á ultima.

Alimenta varias fontes publicas, a principal das quaes, por sua architectura, é a de *S. Lourenço*, construida segundo o desenho do general Vallerė. Abastece tambem este aqueducto os grandes reservatorios ou cisternas da praça de armas que se fizeram durante a guerra da restauração, acabando-se no anno de 1650.

No anno de 1825 resolveu o governo proceder a novas explorações de aguas com o fim de dotar mais largamente os estabelecimentos militares. Foram feitos os trabalhos por conta e sob a direcção da intendencia das obras publicas de Lisboa, conseguindo-se introduzir no aqueducto novas nascentes de boa agua.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O PAINEL

(CONTO PHANTASTICO)

(Conclusão. Vid. pag. 348)

IV

Esta narrativa do meu amigo F. já me ia parecendo bastante longa. Accrescia que as maneiras de F. não eram de contentar. Continuaram os roncos da trovoada, a atmosphera, recortada de nuvens negras, que caminhavam como phantasmas aterradores, ameaçava desatar-se em chuva. Por isso aproveitei a pequena pausa, em quanto F. accendia outro charuto, para lhe dizer que era tempo talvez de eu me ir embora.

— Não, respondeu elle rindo entre dentes, e deitando-me um olhar furibundo. Has de ouvir tudo, senão...

E o desalmado apontou para a pistola, que tinha o cano voltado para mim.

— Como quizeres, redargui, encobrindo o meu desprazer, e accendendo tambem um charuto á luz baça do candil que o vento da noite ameaçava apagar.

F., com a cabeça entre as mãos, envolto em roscas de fumo, parecia engolphado n'um abysmo de recordações; eu, pasmado e attonito, prestava ouvidos ao gemer lamentoso das aguas do Zezere, que quasi vinham lamber os alicerces do casebre.

Eu e F. representavamos, por certo, um grupo phantastico e terrivel. Assimilhava-se elle a um bronco *fakir* da India, que curva a cabeça aos destinos da fatalidade. O fumo, que elle expellia constantemente, rodeava-o de um véo nublado, baço e semi-transparente, que mal deixava entrever a côr biliosa do rosto. Só os olhos fulguravam sinistros, encovados, brilhantes e horrivelmente fixos, como que em perpetua contemplação dos mundos invisiveis. Eu estorcia-me impaciente e pezaroso. Velho amigo de F., acreditando e tomando sentida parte nas suas desventuras, pezava-me vêl-o n'aquelle estado de angustia e afflicção. Entendia eu que uma boa noite bem dormida, e largas horas de repoiso, podiam cural-o melhor do que as minhas consolações, ainda quando eu lh'as podesse dar. Mas era tal a sua excitação nervosa, proveniente, sem duvida, do estado atmospherico, que não me atrevia a dizer-lh'o depois dos tentames inuteis que o leitor conhece.

Fincado o rosto na mão direita e o braço na mesa de castanho, sustendo na esquerda o charuto, respirando sofrego os selvaticos effluvios dos rosmaninhos, giestas e urzes que cobriam as montanhas, começava a esperar ancioso o seguimento dos amores de F., que eram para mim completamente desconhecidos.

F. levantou-se turvo, carrancudo; e, encostando-se á janella, começou uma cantilena monotona e tristonha, cuja letra era uma antiga ballada popular.

Depois de se contorcer por entre fraguedos alcantilados, espraia-se o Zezere indolente junto á raiz do monte, em cujo sopé assentava a casa de F., quasi banhada por uma bacia magestosa e limpida. A escuridão da noite e as sombras dos salgueiros e chorões que orlam as margens, davam ás aguas uma côr de suavissima melancolia e tristeza. Os rochedos, tomando mil fórmas, cada qual mais phantastica, similhavam creaturas fabulosas e diabolicas, que debruçando-se sobre o rio, como que miravam as suas fórmas hediondas. As nuvens da trovoada estendiam o seu manto negro sobre as cristas dos montes, a tempo que do seio das aguas se levantavam frocos alvacentos de nevoeiro, dilatando-se pelas ribas acima, qual véo de gaze. De tempos a tempos resfolegava o trovão ao longe, e um raio livido fendia repentino as nuvens e o nevoeiro, e vinha afundar-se no pégo verdoengo e impassivel. Pela calada da noite, e na disposição de espirito em que eu estava, era aquelle espectaculo sublime e grandioso, por isso fui-me para junto de F., e deixei-me engolphar na contemplação muda e intima, em que os olhos da alma vêem mais do que os olhos do corpo.

Assim fiquei por muito tempo n'aquella languidez lethargica e algum tanto afflictiva, sentindo-me esmagado sob o peso das visões soturnas e lobregas que me salteavam. A pouco e pouco fechei os olhos, deixei pender a cabeça no rude peitoril da janella, e dei largas á imaginação.

Ouvi de repente um vago rumorejar de palavras soltas e desconnexas, qual imprecação do genio que presidisse aos destinos d'aquelle maninho agreste e selvatico. Escutei attento, depois alcei a cabeça, abri os olhos, e vi o pobre F. com os cabellos hirtos e desgrenhados a gottejarem suor. Apontando espavorido para o fundo do pégo, disse-me:

— Olha, não vês? Lá está! Lá está o assassino bebendo n'um craneo e rindo. Não lhe ouves as gargalhadas estridentes? Lá sobe ao pinaculo dos rochedos; agita o manto côr de sangue, parece desafiar a tormenta que ruge ao longe, levanta tres vezes um cadaver de criança, e exclama com voz rouca e medonha:

«Eia! Ao fundo, Ramiro. Abri-vos, aguas.
Sepultae-vos commigo minhas magoas».

E F. caíu n'um desfallecimento que durou alguns minutos.

— Que diabo de visão foi essa? — lhe perguntei mal elle acordou.

— Visão terrifica e verdadeira. Ouve, que tudo has de saber. Deixa-me socegar um pouco.

Passados momentos continuou:

«Depois d'aquella entrevista, fui feliz. Era amado de Virginia.

«Todos os dias nos viamos nas danças e folguedos; nos banquetes e festejos era eu o seu parceiro, porque a seguia qual sombra. De noite, quando damas e cavalheiros se iam no leito repoisar das fadigas, e haurir novas forças, sentavamo-nos nós nas ruinas do antigo solar, onde a lua batia de chapa, e como

que toldava os nossos castos amores com o seu olhar limpido e sereno. Era um encantamento de fadas aquelle viver jucundo e doce. A poesia entornava sobre nós a sua urna de gozos ineffaveis e celestes. Já ninguem ignorava a nossa paixão. Virginia era orphã e rica; eu era pobre e só. Diziam uns que eu era movido da ambição; affirmavam outros que eu era poeta e Virginia a musa que me inspirava, a estrella de amor que me guiava, o fanal da esperança que me alentava nas tormentas da vida. Que fôra eu até então? Miseravel pária batido das vagas do mundo, vivendo na solidão da alma e do corpo, desfolhando uma a uma as petalas engelhadas do meu unico patrimonio — a imaginação. Aos raios dos olhos de Virginia senti vida e forças a coarem-se-me pelas veias; senti-me rejuvenescer; senti-me feliz. Eu e ella eramos livres, e a ventura corria-nos fagueira.

Acolhi-me uma noite mais cedo ao meu aposento. Havia feito uns versos que queria recitar a Virginia ás horas mortas da noite, passeiando por entre as ruinas, onde nos tinhamos aprazado. Como a minha memoria é mui fraca, necessitava de bastante tempo para os decorar.

«Poucas vezes me tinha demorado no meu quarto, por isso ainda não tinha attentado n'um painel que estava arrumado a um canto. Representava, em pintura tosca e primitiva, um cavalleiro antigo, esquartejado por quatro corceis fogosos, cada um dos quaes puxava por uma das extremidades do corpo. Era torvo e orgulhoso o aspecto da victima. Um sorriso de desprezo, de odio e de vingança afflorava-lhe aos labios. Tu não imaginas a impressão desagradavel que aquelle painel me causou!

«O quarto estava meio arruinado com as intemperies: as paredes esburacadas deixavam entrar a humidade e o calor. Estava a tela pendurada, e tapava uma larga fenda por onde bafejava a brisa de agosto. Dava esta fenda sobre o peito do cavalleiro, de sorte que a tela ora se levantava ora se abaixava, com certa regularidade, ao sabor da viração, e á similhança de um peito angustiado. Ajunta a isto, se mais queres, a solidão da noite, o aspecto melancolico do sitio, o rumorejar sentido do arvoredo, e mil outras circunstancias, que todas influiam poderosamente em mim, e has de convir commigo que sobeja razão tinha eu para receiar.

«Além d'isso, a lenda que o painel traduzia era horrivel, e não sei que encantamento maldito me obrigava a não despregar os olhos do cavalleiro supplicado».

— Conta-me essa lenda, disse eu, interrompendo F., que parecia querer passar a outro objecto.

— Queres ouvil-a? Ah! meu caro Sylvius, foi ella a causa da minha desgraça!

V

«No meiado do seculo XIII vivia no solar de*** uma formosa donzella, rica e nobre, cujo alvedrio não fôra conquistado pelos mais poderosos ricos-homens e prestameiros de Portugal.

«Porfiavam todos em romper lanças em torneios e façanhas contra a moirisma pela joven dama; mas baldado era o seu empenho, que o coração de D. Mafalda ficava mudo. Entre os adoradores mais pertinazes da formosa donzella, avantajava-se um mancebo de quem os menestreis e tangedores contavam fabulosos heroismos e valentias. Este esforçado cavalleiro, que tanta fama e honra havia ganho em milhares de recontros e combates, era o moço D. Ramiro, cujas terras e préstamos confinavam com os dominios da gentil castellã. Apesar das recusas de D. Mafalda, não cessava D. Ramiro de offerecer o seu nome e a sua espada ao serviço da bella, dizendo-lhe que a amava como nenhum trovador; e que, se fosse necessario, despiria a cota de malha, arrancaria as esporas de cavalleiro, e calcaria aos pés o elmo doirado de rico-homem, só por lhe mostrar o seu amor. Sorriu-se a donzella, e, segundo reza a lenda, respondeu-lhe com a cantiga popular:

«Cavalleiro que assim teima,
Ao inferno vae parar».

«Foi-se D. Ramiro com o odio e com o desejo de vingança no coração. Chammeavam-lhe os olhos, e o rosto carregado e torvo fazia medo ainda aos mais audazes.

«Tinha D. Ramiro um irmão, mais novo e não menos esforçado. Era de caracter meigo e bom, e diziam todos á uma, que o infanção era ferro para inimigos e seda para alliados. Ninguem cultivava com tanto proveito a *gaia-sciencia*, e ninguem sabia achar tão boas rimas para dizer blandicias de amor. O infanção amou tambem D. Mafalda, e esta não soube guardar a sua isenção. Jurou ella no intimo da alma que só o moço cavalleiro havia de ser seu marido e senhor, ou que os seus dias seriam passados nas lages de uma cella monastica. Passados tempos, quando o casamento estava ajustado, veiu D. Ramiro com os seus homens de armas e mais hostes guerreiras a pôr assedio ao solar de D. Mafalda. Correu o infanção pressuroso a tomar o commando dos defensores, e de tal modo se houve, com tanta valentia e denodo destroçou os sitiantes e destruiu os engenhos, bastidas e machinas de guerra, que, em uma das sortidas, no calor da refega, foi D. Ramiro feito prisioneiro pelo irmão.

«Acabou-se assim a guerra, e D. Ramiro, que tinha outr'ora clamado em altas vozes que D. Mafalda era uma barregan indigna, que lhe havia promettido casamento, não teve pejo de se desdizer, affirmando diante de muitos nobres e honrados cavalleiros que, quando tal dissera, mentia pela gorja como se fôra um perro villão. De D. Ramiro nunca mais ninguem fallou. Dizia-se que se tinha ido á Palestina a remir os seus peccados.

«D'alli a coisa de um anno, grande festa ia no solar. Baptisava-se o primogenito dos dois conjuges, e a mais luzida companhia viera assistir aos folguedos. Succediam-se as cavalhadas e torneios, os menestreis e trovadores não descançavam. Quando soou a hora do repoiso ouviu-se um grito agudo e penetrante, que parecia conter em si todas as dores da terra. Todos correram alvorotados, e grande foi o espanto quando, ao entrarem na camara dos nobres esposos, viram um cadaver ensanguentado e sem cabeça. Era a criancinha, que mão barbara havia degollado, arrebatando a cabeça e deixando ficar o tronco mutilado. Quem era o auctor de tão nefando crime? Quem seria o feroz infanticida? Perguntavam todos e ninguem sabia responder. Em vão D. Mafalda, abraçada aos restos mutilados do filhinho, se desentranhava em prantos, ou se alevantava em furia; em vão o infanção, com o olhar em fogo e o punhal brilhante, procurava, com os olhos torvos, o peito do assassino; em vão se estorciam em lamentos as donas e donzellas, ou rugiam de desespero os fidalgos; o malvado não apparecia.

«De repente distinguiu-se ao longe um som amortecido de trombeta, que cada vez se ia tornando mais claro; depois appareceu, sem que ninguem soubesse d'onde vinha, um cavalleiro, todo vestido de branco, com um amplo e vasto brial traçado em volta da armadura. Olhavam todos para elle, e ninguem o conhecia. Fez-se um silencio profundo. Levantou elle a viseira, e, alçando um craneo ainda gottejando sangue, exclamou:

—«Alegres convivas! Donas formosas e donzellas gentis! Esforçados cavalleiros! A todos envio saudar. D. Mafalda! Meu amado irmão! brindo á vossa saude no craneo de vosso filho. Calcastes a minha felicidade, vinguei-me!

«E antes que os consternados convivas acordassem do espanto, erguessem o braço vingador, e brandissem o buido punhal contra o peito do traidor, tinha este tocado a trombeta, e n'um credo vira-se rodeiado dos seus homens de armas, bésteiros e peões.

Cobrára alentos o infanção, e rompendo pela hoste do irmão, a elle se foi e cravou-lhe na garganta o punhal afiado.

—«Morre, traidor!, lhe disse. Pela gorja mentiste, pela gorja has de morrer.

«Baqueou o cavalleiro. O sangue escorria-lhe ás golphadas; mas, volvendo os olhos cheios de raiva para o irmão, deitou-lhe um olhar embaciado e medonho, a tempo que no meio do silencio geral ainda se lhe distinguiram as seguintes palavras: «Venceste, sim, mas sobre o cadaver de teu filho...»

«E morreu. Toda a hoste ficou prisioneira, e para castigo de tão ruim e cobarde feito, foi o cadaver de D. Ramiro esquartejado por quatro corceis, as entranhas deitadas ao monturo, e mandou-se depois pintar aquelle painel, que commemora o castigo».

— Medonha lenda é essa, disse eu impressionado com a narrativa.

— Medonha, sim, respondeu F., e infelizmente verdadeira.

— E depois? Nunca mais se lembrou ninguem do assassino?

— Conta o povo, e acredito eu, que em noites de tormenta apparece D. Ramiro a ulular rio acima, a cavallo n'um ginete de fogo, pelos fraguedos e penedias. Chegado a esta bacia, sobe ao rochedo mais alto, bebe n'um craneo, agita tres vezes um cadaver mutilado, e precipita-se nas aguas, soltando um úivo infernal. Não o viste ainda ha pouco?

Confesso ingenuamente que era tal a minha turbação de animo, que já me não atrevia a negar a medonha apparição. Sentia o suor a escorrer-me em bagas; queria respirar e tinha o peito oppresso e afflicto. Parecia-me ter sido transportado a um mundo de visões e phantasmas, e os longos ramos das arvores, que o vento da noite abalava, tomavam a meus olhos o aspecto de gigantes fabulosos, de monstros horrendos, a voltearem n'uma dança macabra e delirante. Os ruidos melancolicos das aguas, e o gemer do vento que se escoava pelos estevaes e carvalhiças, pareciam-me os gemidos plangentes de almas penadas e de moiras encantadas.

Absorto e pasmado, contemplava F., que, cerrados os olhos, o peito quêdo e a tez pallida, similhava um defuncto.

Abriu F. os olhos, e accendendo novo charuto, continuou o seu conto, que cada vez me impressionava mais.

«Eu e Virginia tinhamos aprazado uma entrevista nas ruinas, onde queria recitar-lhe uns versos que tinha feito em louvor d'ella.

«Como te disse, a vista do painel veiu transtornar-me tudo, porque me puz a contemplal-o, e a recordar-me da velha e terrivel lenda que já te contei.

«Voavam ligeiras as horas, e eu não podia fugir áquelle encantamento diabolico. Estalou de repente uma trovoada medonha. Começaram os raios a fusilar; as faiscas incendiavam a atmosphera, e o trovão roncava temeroso e abalava o edificio. Levantou-se uma grita afflictiva; caminhavam todos estonteados, choravam as damas, e os homens acoitavam-se nos vãos das janellas. Lembrei-me então de Virginia; saltei como louco, corri, corri, sem tomar respiração, e subi ás ruinas. Que espectaculo vi então, Santo Deus! Horror! Divisei um vulto alvejante estendido no chão. Aproximei-me trémulo e convulso; o coração parecia querer-me saltar fóra. Era Virginia... morta pelo raio. Virginia, a candida virgem cheia de vida havia pouco, Virginia, a viçosa bonina espanejando-se aos raios do amor, estava alli crestada, morna ainda, mas já sem vida, exanime, tocada pelo fogo faiscante, pelo fogo sinistro».

— Horror! exclamei eu sentindo um calefrio mortal pelo corpo.

— Percebes? — tornou F. apertando-me o braço. Percebes? Virginia estava morta, morta por amor de mim, morta longe de mim!

«Alvejavam ao lado as brancas columnas, os fustes e capiteis, como que assombrados tambem da tormenta. Á borda de um muro meio derrocado piava tristemente um mocho, e os morcegos e noitibós esvoaçavam espantados soltando gritos afflictivos.

«Não sei o que senti então. Apenas me recordo que uma dor intensissima me confrangia o coração horrivelmente, e caí ao lado de Virginia. O nosso noivado findou na mortalha, allumiado pelos clarões do raio.

«Passadas não sei que horas, acordei d'aquelle lethargo infernal. Parecia-me tudo um pesadêlo impossivel e monstruoso; alevantei-me e toquei então nas faces de Virginia, que estavam enregeladas e cadavericas. Na face esquerda divisei estampado um lyrio das selvas, symbolo de morte. Sem saber o que fazia, agarrei no cadaver adorado, e deitei a correr, salvando precipicios, e desafiando as iras do ceo. Que me importava agora a tormenta? Em vez de entrar no solar atravessei os jardins e desci, pelo pendor abaixo, até ao Zezere, em cujas aguas negras e profundas me arrojei, apertando sempre em meus braços o cadaver de Virginia. Correram do solar atraz de mim, mas foi tarde. Quando chegaram á borda do rio já eu havia medido o abysmo. Desde então não sei o que se passou, e como voltei outra vez á vida».

Assim acabou F.; eu levantei-me pallido e a tremer.

— É medonho, bradei nas angustias do terror.

F... soltou uma gargalhada estridente, e levando-me á janella, exclamou:

— Virginia espera-me alli no seio das aguas. O meu noivado está proximo, que os raios não chegam lá.

Eu fiquei-me attonito. Sentia-me esmagado e allucinado. Impellido por uma força irresistivel saltei pela janella e fugi, fugi até voltar á casa onde estava hospedado. Parecia-me estar ouvindo ainda a gargalhada de F.

....

Tinham volvido oito dias, quando li n'um jornal a seguinte noticia:

«Entrou hoje no hospital de Rilhafolles um joven cheio de esperanças, e muito mimoso das musas. Diz-se que endoidecêra em virtude de um pesadêlo horrivel que elle tomava como realidade. Contam-se coisas extraordinarias da vida d'este desventurado moço. Deus lhe acabe o supplicio!»

....

Tudo me foi explicado então. Tive a triste coragem de visitar F.; achei-o ás portas da morte. Passados dias morreu, de feito, o desgraçado!

A. Osorio de Vasconcellos.

THEATRO DE S. JOÃO NO PORTO

Entre os muitos e bons serviços prestados á cidade do Porto pelo seu antigo corregedor, Francisco de Almada e Mendonça, tem um logar mui distincto a fundação do theatro de S. João. Este benemerito magistrado, que a tudo attendia para o bom governo da cidade; que não se esquecia de coisa alguma, de

quantas n'esse tempo se julgavam conducentes ao melhoramento e aformoseamento de uma grande povoação, e que, se os meios de que dispunha fossem proporcionados aos seus desejos e esforço, o Porto seria uma das mais bellas cidades da Europa; este popularissimo magistrado, dizemos, foi quem promoveu a formação da sociedade de capitalistas que edificou o theatro de S. João.

Fez-se esta obra no anno de 1798, sob o governo do principe D. João, regente do reino no impedimento da rainha D. Maria I, sua mãe. Em obsequio do principe, foi dedicado o theatro ao santo do seu nome.

Foi encarregado do risco do edificio Vicente Manzoneschi, architecto italiano. Este artista tambem era pintor, e n'esta qualidade fôra chamado a Lisboa, alguns annos antes, por Sebastião da Cruz Sobral, que então dirigia o theatro da Rua dos Condes, para pintar o scenario d'este theatro.

Não obstante ter vindo para Portugal como pintor, a sua profissão propriamente dita era a de architecto. Todavia, em ambos os ramos da arte era mediocre o seu merecimento. O theatro de S. João faz-lhe pouca honra, porque, ao passo que o que n'elle ha de melhor foi copiado do theatro de S. Carlos de Lisboa, deu-lhe o architecto por fachada principal a frontaria de uma casa burgueza, sem elegancia, sem adorno ou distinctivo algum proprio de um theatro, a não se querer dar este nome ao escudo das armas reaes, collocado tão desengraçadamente á custa de quatro janellas que se supprimiram na mesma fachada, que



Theatro de S. João no Porto

mais parece o edificio feito de proposito para a collocação do escudo, que este posto alli para ornamento do edificio.

Não tem salão de entrada, defeito este imperdoavel em um theatro. Entra-se para uma loja ladrilhada, que tem dos lados as casas de venda dos camarotes e bilhetes, e do deposito de bengalas e chapeos de chuva. Modernamente arranjou-se junto d'esta loja uma sala bem guarnecida para as senhoras esperarem no fim do espectaculo a chegada das suas carruagens.

A sala do espectaculo é grande e bella. É egual no risco á do theatro de S. Carlos, com a differença de ter quatro ordens com vinte e dois camarotes em cada uma, entrando dois no proscenio, em logar de cinco ordens com vinte e quatro camarotes cada uma, até ao proscenio, que conta aquelle theatro.

Está ornamentada com singela elegancia, menos o tecto, que, em nossa opinião, é de pessimo gosto. É uma pintura excessivamente carregada de ornatos desengraçados, e distribuidos com pouca arte. Foi feito este trabalho por um pintor ornatista italiano, chamado Pizzi, que veiu ao Porto ha uns sete annos, e que no tecto do tribunal do commercio, e em outras obras que executou na mesma cidade, deu melhores provas do seu talento.

No centro do tecto do theatro de S. João o artista figurou Apollo, e em volta, entre muita diversidade de ornamentos, os retratos dos nossos grandes poetas dramaticos, Gil Vicente, Camões, João Baptista Gomes, e Almeida Garrett.

Tem este theatro tribuna real, para uso dos soberanos quando visitam a cidade do Porto. Por occasião das festividades nacionaes costuma estar patente e illuminada, collocando-se então n'ella um quadro com o retrato do monarcha.

A illuminação a gaz é distribuida pelos lados da sala, nos intervallos dos camarotes, como se usou no theatro de S. Carlos até 1835, em que alli se collocou o primeiro lustre. Aquelle genero de illuminação offerece diversas vantagens. Desfructa-se melhor a scena de todos os camarotes, e tambem d'estes se goza mais desimpedidamente a propria sala do espectaculo. Entretanto, quando o lustre reune á riqueza e perfeição artistica o bom gosto da invenção, como acontece com o de S. Carlos, é uma das mais bellas decorações de um theatro.

No pavimento da ordem nobre está o salão para concertos de musica. É espaçoso, e com uma elevação proporcionada. Sem ser rico, acha-se bem decorado e guarnecido. Em todas as noites de espectaculo está illuminado e franco ao publico. Dá entrada para o botequim.

Está edificado o theatro de S. João em um dos pon-

tos mais altos da cidade, junto ao largo da Batalha. Tem serventia para tres lados. A da frente principal para um pequeno terreiro, que se communica com o largo da Batalha; e as das fachadas lateraes para outro terreiro, e para uma rua que divide o theatro do hospital do Terço e Caridade. Quando no Porto ha companhia lyrica alternam-se as suas representações com as da companhia nacional.

I. DE VILHENA BARBOSA.

TRES POETAS

(Vid. pag. 346)

J. G. LOBATO PIRES

Que thesouros de poesia não estão ainda escondidos nos cofres mysteriosos da sciencia! Todas as risonhas invenções do paganismo grego desmáiam perante as sublimidades descobertas por ella! Deus é mais poeta do que os homens; convençam-se d'isso. Vale mais traduzir a epopéa do universo do que fazer variações sobre esse thema. A musica dos grandes maestros é sempre mais sublime interpretada conscienciosamente, do que estragada com as *fioriture* dos cantores. Não profaneis a obra de Deus, vós poetas, que sois de Deus os filhos dilectos; estudae a sua obra e reproduzi-a, não a inventeis.

Que ha de comparavel entre a poesia ficticia da gota de leite de Juno, que, alastrando-se no ceo, formou a via lactea, com a poesia verdadeira d'esse archipelago de mundos luminosos, desabrochando á voz de Deus no Oceano do espaço? É mais poetica a triplice Hécate, do que a lua, a meiga companheira da terra, a namorada dos mares, cuja invencivel attracção faz erguer as ondas em transportes de um louco amor?

Oh! poetas, como a sciencia póde enriquecer o thesouro da phantasia! Absortos na contemplação do firmamento estrellado, e querendo exprimir as vossas sensações, depois de terdes fallado no docel azul cravejado de estrellas, no manto da noite semeado de lagrimas de prata, no jardim ethéreo povoado de flores de luz, ficou esgotado o thesouro das vossas imagens! Vêde que campo magnifico vos abre a sciencia! Que paginas sublimes, para quem as sabe ler, não são as do esplendido livro dos ceos!

E a botanica! Dizem alguns poetas que a botanica rouba á flor, analysando-a, todos os seus encantos, e que não é possivel achar poesia no jasmim, na rosa, quando nos vem dizer o seu nome scientifico, em latim embrulhado. Enganam-se! Tomam a nuvem por Juno! Tomam a classificação pela sciencia! O corpo pela alma! Tambem n'esse caso a poesia não tem poesia, porque um pedante de rhetorica me vem dizer, quando estou admirando um bello verso, que esse verso tem o accento em tal, tal e tal syllaba, ou quando estou admirando uma bella imagem, me diz o nome arrevezado que ella tem na Arte poetica! Esta objecção feita á botanica não é, não póde ser séria. A botanica não nos disseca a flor, para analysar friamente o cadaver da formosa dos jardins! Abre, aos nossos olhos admirados, esse admiravel poema, fechado a sete chaves para os profanos, e faz-nos ler cada uma das suas sublimes estrophes. Revela-nos os mysteriosos amores qué se occultam na perfumada alcova nupcial da corolla, faz-nos ver tão claramente na pobre florinha do campo, como nos systemas planetarios do espaço, a minuciosa perfeição das obras de Deus.

Foi o grande merito de Lobato Pires ter comprehendido a ligação intima que póde e deve haver entre a sciencia e a poesia, e os thesouros que a inspiração podia encontrar n'essas minas inexploradas.

A primeira poesia em que encontrâmos essa tendencia, é a que se intitula *Á borda do Oceano*, e que é dedicada ao sr. Castilho.

A poesia é em alexandrinos, como a traducção do *Amor de poeta*, alexandrinos magnificos, alexandrinos, muitos dos quaes o grande engenho a quem são dirigidos não desmentiria de certo.

O poeta, debruçado á beira do Oceano, contempla a face immensa das aguas, face monótona e mysteriosa, que parece, com a sua monotonia, propor um enigma constante á humanidade absorta.

Na magnifica poesia de Luiz Corrêa Caldeira, a *Voz do Oceano*, lembram-se que o poeta, absorvido tambem por essa contemplação, perguntava a si mesmo que mysterios se esconderiam sob aquellas ondas turbulentas! Mas a imaginação, passarinho amedrontado, temia arriscar-se no insondavel pégo, e, pairando na superficie, olhava curiosa para o cristal das aguas, sem se atrever a transpol-o. A imaginação de Lobato Pires pede ajuda á aguia da sciencia, á aguia ousada, aventurosa e exploradora, que não teme fitar o sol para lhe perguntar atrevidamente qual é o segredo das suas manchas, nem penetrar no abysmo das vagas, para roubar não perolas vulgares, mas perolas que ella possa engastar no esplendido diadema dos conhecimentos humanos. Auxiliada pela sciencia, a imaginação não teme aventurar-se, e, quando volta á superficie, conta, como o mergulhador de Schiller, os segredos terriveis que soprendeu. Ó Oceano, brada o poeta,

Que mysterios a sciencia em teu seio não vê!
Quem ao vêl-os, Senhor, do teu poder descrê?!
Montanhas de pasmar, rivaes das do Himalaya,
Cuja falda, talvez, venha ainda a ser praia;
Cujo cimo, que rasga a onda em turbilhão,
É garganta voraz de incognito volcão;
Valles, como não ha do Libano entre as rampas,
Estreitos para berço, estreitos para campas
Da baleia gigante! encantados jardins,
Onde reluz a côr dos topazios, rubins,
Onde a alga purpurea o lindo ramo inclina,
Onde rebenta a flor da bella coralina,
Onde a floridia sólta á onda do Equador
A nómada semente em que vae nova flor,
Onde o sargaço cresce a demandar os ares,
Bordando ilhas gentis sobre a tela dos mares,
Que servem de repouso á gaivota que vae
Entregar vivo fructo ás caricias do pae;
Todo este mundo immenso, estranho, ignoto, mudo,
Se contempla em teu seio! Oceano, eu te saudo!
Tu recebes do rio os tributos feudaes,
Particulas subtis de preciosos metaes,
Que, mais tarde, o porvir colherá nas argilas
Para o regio esplendor dos Neros e dos Syllas
De outra Roma, outro pó, que ha erguer-se talvez!
Acaso este calcareo, este marne, este grés,
Que foram fundo já de mares hoje extinctos,
Templos hoje não são, palacios, labyrinthos?
Oh! Que enigma não é o eterno renascer!
Vida teve este pó, e inda vida ha de ter!

Os versos são dignos do assumpto, exceptuando um ou outro mais frouxo, ou em que o termo scientifico apparece demasiadamente crú para a poesia. Mas em geral a inspiração não afrouxa o vôo, e acompanha a sciencia sem desmaiar no arrojo. Estava aberto o caminho, e isso era o principal. *Á borda do Oceano* e o *Universo*, que se lhe seguiu logo depois, foram as primeiras duas tentativas. D'ellas á *Humanidade*, que é incontestavelmente a poesia mais perfeita, mais acabada, de Lobato Pires, vae uma distancia immensa.

É bello tambem o trecho em que o poeta, depois de ter comprehendido a immensa poesia que se occulta nas ondas, e que só a sciencia revela, lança um olhar desdenhoso ás ficções da mythologia, e mostra como ellas se amesquinham perante as mil vezes mais esplendidas maravilhas da realidade.

Oiçamol-o.

Oceano! a antiga musa em teu seio fecundo
Entornou de ficções um phantastico mundo.
Poz a cortar-te o dorso o escamoso Tritão,
Limos na fronte alvar; torto busio na mão;
Deu a Neptuno, ao rei, com que as ondas irrite,
Um tridente de ferro e os zelos de Amphitrite;
A Éolo o reino deu sobre o vento fallaz,
Que é zephyro ou tufão, segundo a Éolo apraz;
De nereidas gentis, de nymphas e sereias,
Povoou-te, Oceano, as grutas, as areias,
A recondita lapa, a ilha d'agua á flor,
Os bosques e jardins onde habita o açor.
Vaidade, orgulho vão! Em ti mesmo és poesia:
Em nada és devedor á vã mythologia.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

O CHANCELLER BACON

(Vid. pag. 351)

XII

A desgraça politica do chanceller pol-a o philosopho a juros em beneficio da sciencia e da sua gloria. Desonerado de todas as responsabilidades politicas e de todos os cuidados publicos, desenganado finalmente do mundo, d'este Jano caprichoso que tão depressa amostra a sua face benevola e ridente, como deixa ver a sua fronte severa e carrancuda, trocou Bacon o desterro da corte em voluntario retiro philosophico. Sósinho comsigo, apenas lhe restava esta suprema consolação de uma alma que, desamparada de todos os affectos hypocritas dos seus antigos adoradores, se volta resignada para si mesma, e procura na meditação o lenitivo de todas as suas pungentes amarguras.

Do seu modesto gabinete, silencioso, ignoto, deslembrado dos seus cortezãos d'outr'ora, tendo por amigos os livros, que não lisongeiam nem cortejam, podia Bacon espraiar a vista pelo fugitivo panorama das suas grandezas preteritas, e contemplar de longe a inanidade de todas aquellas honras que tanto cobiçára. De perto haviam-lhe parecido gloria, e agora de longe caía na conta de que eram só vaidade. De perto as tinha julgado luz, e agora de longe conhecia cabalmente que eram fumo. A philosophia que fôra para elle socia nas prosperidades era agora amiga intima, affectuosa consoladora no infortunio. De tudo quanto fôra só a Bacon restava a formosura e nobreza do entendimento. De todo aquelle edificio levantado nos alicerces da soberba humana, só ficára de pé, no dia da tempestade politica, o que era verdadeiramente divino e immortal — a intelligencia. Mais feliz que Socrates, Cicero, e Lavoisier, aos quaes a sua patria pedíra exoravel a cabeça como dura expiação do crime imperdoavel da sua preeminencia intellectual, o cancheller Bacon, á similhança de Guizot, salvára do naufragio politico, por unica reliquia, a sua penna. Bacon deixára de ser o servo da corte, o escravo das facções, para ser finalmente o homem da humanidade. Quasi o haviam desnaturalisado de inglez para que fosse cidadão da republica universal.

Emancipado das cadeias com que, quando era personagem eminente, lhe tinham algemado o entendimento, é agora que o espirito de Bacon se explica prodigamente em sazonados fructos de meditação e de sciencia.

É no seu recesso obscuro e remansado que elle escreve, nos ultimos cinco annos da sua vida, quasi todas as suas obras.

A primeira que principiára a escrever por ordem de James I, e que saiu em idioma vernaculo, é a historia de Henrique VII, o fundador da dynastia dos Tudors, o feliz pacificador das cruentas contestações que por tantos annos e sob tantos reinados dilaceraram a Inglaterra, em nome das rosas antagonistas de York e de Lancaster. N'este escripto que, apenas publicado, deu origem a largas controversias litterarias, revela-se ainda n'alguns trechos a penna do cortezão que mais se lembra das complacencias de Velleio-Paterculo que das austeras apreciações de Cornelio Tacito. Appareceu a obra com uma dedicatoria ao principe de Galles, que poucos annos depois, sob o nome de Carlos I, havia de ser o protagonista na lastimosa tragedia de Whitehall.

N'aquelle derradeiro periodo de sua vida escreve Bacon as seguintes obras. *Abecedarium Naturæ* (Abecedario da Natureza) que não chegou a vir á estampa; *Historia dos Ventos* (Historia Ventorum), com uma dedicatoria a Carlos I, então principe de Galles; *Historia da Vida e da Morte* (Historia Vitæ et Mortis); Dialogo de *Bello Sacro*; a *Fabula da Nova Atlantide* (Fabula Novæ Atlantidis); a versão latina da grande obra *De Augmentis Scientiarum*, que primeiro fôra publicada em inglez; os *Conselhos Civis e Moraes*, a principio publicados na linguagem nativa, e depois trasladados por Bacon para latim, com o titulo de *Discursos Fieis, ou o Intimo das Coisas* (Sermones Fideles, sive Interiora Rerum), collecção de sessenta e dois tratados moraes e politicos de muita lição e experiencia do mundo, dedicados a George, duque de Buckingham, lord-almirante de Inglaterra; o *Livro da Sabedoria dos Antigos* (Liber de Sapientiâ Veterum), dedicado ao conde de Salisbury, primeiro lord do thesoiro, e cancellario da universidade de Cambridge; livro no qual, em trinta e um artigos, explica Bacon o sentido moral e philosophico de outros tantos mythos da antiguidade; *Escriptos sobre a Philosophia Natural e Universal* (Scripta in Naturali, e Universali Philosophiâ); e finalmente a *Historia Natural* (Sylva Sylvarum sive Historia Naturalis) em dez centurias.

No ultimo anno da sua vida recebeu Bacon de Carlos I, logo em principio de seu reinado, o encargo de escrever a historia de Henrique VIII, rei de Inglaterra, a qual não chegou a escrever por lhe haver faltado a vida, quando o entendimento ainda florescente promettia opimos fructos.

No anno de 1626, um domingo de Paschoa, a 9 de abril, tendo sessenta e dois annos de edade, deixada a carne, que tantas fragilidades padecêra, começava Francisco Bacon a gozar os loiros da posteridade. Veiu a faltar-lhe a vida em Londres, em casa do conde de Arundel, no sitio de High-Gate.

Na egreja de S. Miguel, junto de Saint-Alban, de que Bacon fôra visconde, foi sepultado o velho chanceller, por assim o haver determinado em sua ultima vontade, sem que as suas honras funebres tivessem a minima pompa ou luzimento. Alguns annos depois, dois raros amigos que haviam permanecido fidelissimos na adversa fortuna do philosopho, sagraram monumento e epitaphio ás cinzas illustres do grande reformador.

XIII

Foi tão famosa a reputação conquistada por Bacon durante os longos annos da sua vida, já na prospera, já na contraria fortuna, que por grandissimo philosopho, erudito sabedor e escriptor eloquente o acclamaram os seus contemporaneos, sobresaíndo en-

tre os que maior admiração consagraram ao seu grande engenho, os que de terras estranhas acudiam a visital-o porque podessem dizer, ao voltarem á sua patria, que haviam praticado com homem de tão assombroso entendimento.

Referem os biographos, que vindo por legado a Inglaterra o marquez de Effiat, conduzindo a princeza Maria, de França, desposada com Carlos I, tivera grandissimo desejo de se avistar com Francisco Bacon, que n'aquella occasião estava padecendo enfermidade. Entrando o embaixador na camara onde o velho chanceller estava deitado e encoberto pelas cortinas do seu leito, travou com elle breve pratica, sem que em quanto ella durou podesse ver o rosto do philosopho. O que deu occasião a que o primoroso fidalgo francez, com o donaire e galanteria da sua nação, prorompesse a final, dizendo «ser o seu interlocutor como os anjos, cujas palavras nos chegam aos ouvidos muitas vezes, sem que elles nos concedam a graça de os contemplar».

Era o chanceller Bacon homem de mediana estatura. A fronte era larga e sulcada, ainda quasi na adolescencia, pelas rugas da meditação, que simulam tantas vezes a edade senil. Brilhava-lhe nos olhos a luz que denuncia ao mesmo tempo a sagacidade e a subtileza. O seu gesto era nobre, aprazivel o trato, persuasiva e sonora a locução. Sir Walter Raleigh, o homem tão illustre pelos seus escriptos como pelas suas viagens e desventuras, em tal conceito o teve sempre, que, fazendo o parallelo entre Bacon e os mais auctorisados estadistas d'aquelle tempo, dizia: «haver sido o conde de Salisbury orador eloquente, mas infelicissimo escriptor; o conde de Northampton, ao contrario, na escripta exemplar, e obscuro na tribuna; e que só Francisco Bacon fôra eminente em summo grau no fallar e no escrever.»

Padecia Bacon um achaque singular, de que fallam os que de sua vida tem escripto. Quando estava para succeder um eclipse da lua, ainda mesmo que o philosopho o não soubesse de antemão, era accommettido de um deliquio, do qual sómente se recobrava, e brevemente convalescia, quando o phenomeno celeste havia acabado de passar.

XIV

Qual foi o influxo de Bacon nos progressos da philosophia? Qual é a sua parte verdadeira como um d'estes poderosos operarios da civilisação intellectual, a partir do renascimento? Que juizo formaremos d'este homem, que, no crepusculo da razão humana, quando o sol da moderna intelligencia não havia dissipado inteiramente a noite da edade média, concebeu o arrojado intento de reconstruir desde os fundamentos o edificio das sciencias?

Bacon ensinou e reduziu a discretos preceitos e dictames a arte de inferir dos phenomenos observados as leis da natureza. Systematisou esta nova dialectica, differente e antagonista da que dominára a antiguidade, e que, pela *inducção*, deduz da observação e da experiencia as leis e as causas dos phenomenos naturaes, em vez de os phantasiar nos sonhos, ás vezes sublimes e divinatorios, mas sempre incompletos, do talento.

Pelo estudo a que, sempre indefesso, consagrou desde os primeiros annos a sua vida, pôde Bacon enriquecer a sua memoria de quanta erudição litteraria e scientifica se podia aprender n'aquelle tempo. As obras do chanceller são um vasto repositorio, onde se podem examinar compendiadas todas as idéas do seu seculo. Não ha provincia do saber humano que Bacon não percorra e não illustre, instituindo o inventario de quanto existe de riqueza intellectual, e traçando o plano com que se hão de instaurar novas sciencias, e conseguir opulentar as que já estão delineadas desde seculos.

O grande merito de Bacon está não sómente em haver demonstrado, triumphantemente, a vacuidade dos antigos processos philosophicos no descobrimento das verdades da natureza, senão em haver substituido aos methodos erroneos ou estereis, novos e poderosos instrumentos intellectuaes, que representam no trabalho philosophico a funcção que exerce a machina no trabalho material. É por isto que, d'entre todas as obras de Bacon, tem merecido justamente a primazia, pela substancia e originalidade do seu contexto, a que trata *da dignidade e progresso da sciencia*, e a que se intitula *Novum Organum*.

Bacon, apesar da variedade dos seus conhecimentos e da subtileza e profundidade do seu engenho, é antes o preceptor que ensina o caminho das invenções methodicas e racionaes, do que o ousado e feliz descobridor nos amplissimos dominios da sciencia. É como um cosmographo erudito e sagacissimo, que por seus calculos está na terra firme industriando os mareantes que hão de arriscar-se a audazes expedições: que lhes está fabricando os astrolabios e balestilhas; traçando as cartas; ensinando a manusear os instrumentos e a calcular os elementos da derrota; mas que, dictando aos outros a norma por que devem descobrir, se fica na praia acompanhando com o bom desejo e confiança a gloriosa singradura dos que se aventuram no infinito oceano da sciencia experimental.

O seculo em que Bacon floresceu é notavel por ter produzido ao mesmo tempo os sabios mais illustres e os mais originaes innovadores nas sciencias exactas e naturaes. Foi aquelle o seculo de Descartes, que toma logar distincto entre os philosophos, pelo seu discurso *sobre o methodo*, entre os primeiros geometras modernos, pela fecundissima invenção da geometria analytica; de Fermat, o geometra subtil; de Roberval, que tantas vezes se propoz a hombrear nas mathematicas com o proprio fundador da philosophia franceza; de Kepler, o verdadeiro instaurador da moderna astronomia, o glorioso precursor de Newton, e quasi seu rival na admiração da posteridade; de Harvey, o medico de Jacques I, o descobridor da circulação do sangue, e por este titulo o instituidor da moderna physiologia; de Galileo, duas vezes celebrado pelo vigor do seu engenho incançavel e inventivo no estudo das sciencias physicas, e porque, na sua lastimosa perseguição, personificou a lucta do livre-exame contra o preconceito theocratico, e da liberdade do pensamento contra a tyrannia da auctoridade.

Bacon não liga o seu nome, como os homens benemeritos, quaes os que acabâmos de citar, a um descobrimento memoravel no proprio dominio das sciencias. Consubstanciando no seu espirito a todas ellas, a sua mesma universalidade como que lhe impedia as glorias de inventor. Faltava a Bacon um instrumento intellectual, sem o que todos os processos do entendimento no estudo das sciencias cosmologicas se tornam infecundos para as mais altas concepções. Faltava-lhe a profunda erudição nas sciencias mathematicas, e a vocação e o instincto do geometra.

Mas a gloria de ser o primeiro que delineou a nova traça da encyclopedia humana, ninguem a póde a Bacon justamente disputar. Ninguem lhe póde contestar o grande merito de haver reconhecido a esterilidade da antiga philosophia dominante nas escholas, de haver diagnosticado fielmente as enfermidades da razão, enfraquecida pela diuturna influencia da auctoridade aristotelica, e de ter reduzido a corpo de doutrina a summa dos preceitos por que o pensamento, debilitado por erros centenarios, se devia finalmente rehabilitar.

(Continua) J. M. LATINO COELHO.